



ARTIGO DE REVISÃO

Processos de alcoolização entre povos indígenas da América Latina

Alcoholization processes among indigenous people in Latin America

Ivan Farias Barreto^{1,*}, Magda Dimenstein¹, Jäder Ferreira Leite¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Grupo de Pesquisa Modos de Subjetivação, Políticas Públicas e Contextos de Vulnerabilidade, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

INFORMAÇÕES GERAIS

Recebido em: agosto de 2019

Aceito em: janeiro de 2020

Palavras-Chave

Bebidas alcoólicas
População indígena
Saúde mental

Keywords

Alcoholic beverages
Indigenous population
Mental health

RESUMO

Para alguns povos indígenas da América Latina, o uso de bebidas alcoólicas é anterior à chegada dos colonizadores. Para outros, os contatos interétnicos ao longo da história alteraram profundamente os sentidos e as relações com essas substâncias. O presente artigo revisa a literatura dos últimos anos sobre o consumo de álcool por povos indígenas latino-americanos, compreendendo aspectos históricos, sociais e de saúde a ele associados. Os resultados indicam que o uso precoce de bebidas alcoólicas, a perda de referenciais identitários, mudanças nos modos de vida, proximidade com centros urbanos, êxodo migratório, marginalização e discriminação social são fatores de risco ao consumo prejudicial de álcool entre povos indígenas. Constatou-se ainda uma carência de pesquisas epidemiológicas, que prejudica o dimensionamento de demandas relativas ao uso prejudicial de álcool e dificulta o planejamento e execução dos serviços de saúde.

ABSTRACT

For some indigenous peoples in Latin America, the use of alcoholic beverages predates the arrival of the colonizers. For others, interethnic contacts throughout history have profoundly altered the meanings and relationships with these substances. This article reviews updated literature on alcohol consumption by Latin American indigenous peoples, including the historical, social and health aspects associated with these issues. The results indicate that the early use of alcoholic beverages, the loss of identity references, changes in lifestyles, proximity to urban centres, migratory exodus, marginalization and social discrimination are risk factors for harmful alcohol consumption among indigenous peoples. There was also a lack of epidemiological research, which impairs the dimensioning of demands related to the harmful use of alcohol and hinder the planning and execution of health services.

CC BY-NC-SA 4.0 2020 RCSHCI

Introdução

O consumo prejudicial de bebidas alcoólicas é um grave problema de saúde coletiva, estando associado a mais de 200 condições de saúde, variando de doenças do fígado, acidentes, violência, cânceres, cardiopatias, suicídios, entre outros agravos. Dados da Organização

Mundial de Saúde consideram que, dentre 173 países, apenas 28 relataram realizar algum trabalho de conscientização envolvendo a temática do consumo de álcool e as populações indígenas¹.

Além disso, as pesquisas sobre o uso de substâncias psicoativas por muito tempo privilegiaram entendimentos teóricos e metodológicos dos campos biomédico e penal, enfatizando quase que exclusivamente os riscos e danos àqueles que as usam. Já os estudos sobre benefícios, modalidades de consumo não problemáticas ou realizados em contextos culturais específicos, como aqueles envolvendo povos indígenas, têm sido cada vez mais requisitados dentro e fora dos contextos acadêmicos.

Embora estudos epidemiológicos sobre o uso de bebidas alcoólicas sejam muito importantes para dimensionar a prevalência de questões em saúde e orientar ações em políticas públicas, frequentemente

* Correspondência:

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Lagoa Nova, Caixa-postal: 1524. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. CEP: 59078-970
e-mail: ifbarreto@hotmail.com

doi: 10.21876/rcshci.v10i1.861

reduzem os modos de vida a variáveis socioeconômicas e demográficas. Para suprir essa lacuna, faz-se importante realizar esforços para apreensão das dimensões socioculturais e psíquicas que influenciam na produção da saúde e da doença².

É nessa perspectiva que os processos de alcoolização são aqui compreendidos como um conjunto de funções e consequências positivas ou negativas, situados em contextos sociais específicos e que estão além de perspectivas que tendem a problematizar o tema como uma questão ligada à psicopatologia. Os processos de alcoolização são mais do que padrões de uso considerados excessivos, moderados ou abstêmios³.

Assim, esse estudo apresenta uma série de compreensões sobre o consumo de álcool entre povos indígenas, considerando as motivações, práticas, sentidos e consequências à saúde em meio a especificidades históricas e socioculturais. O trabalho foi originalmente escrito como parte de capítulo teórico de uma tese em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN e espera-se aproximar das principais discussões contemporâneas a respeito do tema.

Desenvolvimento

Em agosto de 2019 foi realizado um levantamento de artigos científicos produzidos nos últimos dez anos sobre uso de álcool em comunidades indígenas da América Latina. Foram utilizados os bancos de dados do Portal de Periódicos da CAPES, Redalyc e Google Acadêmico. Os critérios de inclusão estiveram baseados em artigos completos com livre acesso nas línguas portuguesa, espanhola, inglesa e francesa. Os critérios de exclusão consideraram textos sem relação com a temática, trabalhos com acesso mediante pagamentos, repetidos, fora do contexto latino-americano, resumos de livros e resenhas.

As palavras-chave utilizadas no Portal de Periódicos da CAPES foram álcool OR alcoolização OR alcoolismo AND índio OR indígena, resultando em 180 produções. As mesmas palavras em espanhol rodaram uma nova busca, encontrando 849 produções. Após critérios de inclusão/exclusão, foram selecionados 18 artigos.

Já no Redalyc, as palavras utilizadas na busca foram indígena AND álcool, encontrando 733 produções. Em seguida, a uma nova pesquisa utilizando as mesmas palavras em espanhol encontrou 2.755 produções. Desses totais, foram selecionados mais 3 artigos que não haviam sido contemplados no Portal de Periódicos da CAPES.

No Google Acadêmico, as palavras-chave utilizadas no levantamento foram indígena e álcool, adicionando mais 3 artigos que não haviam sido contemplados nos bancos de dados do Portal de Periódicos da CAPES e do Redalyc. Ou seja, a busca sistemática por artigos de livre acesso produzidos nos últimos dez anos sobre a temática resultou em 24 trabalhos que serão apresentados a seguir.

Na análise quantitativa de publicação anual de artigos obteve-se os seguintes resultados: 2019 (2 artigos), 2017 (3 artigos), 2016 (3 artigos), 2015 (1 artigo), 2014 (2 artigos), 2013 (3 artigos), 2012 (3 artigos), 2011 (4 artigos), 2010 (2 artigos), 2009 (1

artigo). Quando considerado o tipo de produção, constatou-se que 20 artigos eram empíricos e somente 4 eram teóricos. A maior parte dos estudos foi conduzida no Brasil (10 artigos), seguida de México (6 artigos, sendo 1 produzido em parceria com pesquisadores dos Estados Unidos), Colômbia (3 artigos), Chile (2 artigos), Argentina (2 artigos, sendo 1 produzido em parceria com pesquisadores dos Estados Unidos e Canadá) e Bolívia (com 1 artigo). Assim, a apresentação desse trabalho ficou dividida em três eixos temáticos, a saber: aproximações históricas; representações, sentidos e modos de consumo; estudos em saúde.

Aproximações históricas

O fenômeno da embriaguez de povos indígenas da América Latina tem sido objeto de estudo e interesse desde os tempos coloniais. No Chile, relatos camponeses de influência Mapuche que habitam o centro-sul do país permitiu constatar que a embriaguez era parte de rituais sagrados, sendo o álcool um veículo pelo qual os indígenas se ligavam com seus deuses e ancestrais. No entanto, a partir do século XVI, políticas de controle social associaram as classes subalternas (incluindo os povos indígenas) à embriaguez e ao demônio, a fim de lidar com supostas desordens sociais, violências e pecados resultantes da ingestão de bebidas alcoólicas⁴.

No México, o uso de álcool tem sido documentado desde o século XVI, evidenciando uma grande variedade de bebidas fermentadas que eram tradicionalmente consumidas por povos indígenas. Com a colonização espanhola, além da introdução de bebidas destiladas houve mudanças nos padrões de consumo, que até então era restrito a rituais e festividades⁵.

Na região do Chaco no século XVIII, o sentido social da embriaguez por povos indígenas foi amplamente abordado por jesuítas da Companhia de Jesus. As perspectivas registradas pelos missionários eram assaz acrílicas e não consideravam as distintas ocasiões de uso, as normas sociais e tampouco os contextos históricos envolvidos. Os fundamentos desses fenômenos eram sempre ligados à suposta indolência, indocilidade, inconstância e impulso natural dos indígenas para a irracionalidade. A embriaguez era considerada um pecado que impedia o desenvolvimento de uma vida coletiva próspera e um vício moral a ser controlado pela evangelização. Por outro lado, as crônicas jesuíticas indicavam que as sessões envolvendo o uso de bebidas alcoólicas apareciam como instâncias sociológicas de tomada de decisões de indígenas que debatiam aspectos pontuais da vida coletiva. Serviam para acalmar ânimos e referendar a permanência de um líder, relacionavam-se com calendários da vida ritual, como os nascimentos, mudanças de status e de nome, casamentos, mortes, etc. e também era utilizado para combater diversos males⁶.

No contexto dos discursos midiáticos de elites intelectuais bolivianas, constatou-se que, ao menos desde o final do século XIX, tem-se construído imagens depreciativas sobre os povos indígenas, sobretudo no que diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas e folha de coca. Documentos revelam que esses discursos frequentemente reforçavam a ideia de que os problemas indígenas devem ser superados pela via da educação, a partir de uma missão supostamente civilizatória. No

entanto, essa agenda tem escamoteado os projetos políticos emanados dos setores indigenistas que colocam em xeque a ordem social hegemônica, como as lutas históricas pelo fim do *pongueaje* (espécie de servidão feudal abolida da Bolívia em 1945) e o direito à sindicalização agrária⁷.

Entre os Karitiana que vivem na aldeia Kyōwã, no estado brasileiro de Rondônia, estudos mostraram que do início do século XX até a década de 1970 havia um uso extremamente prejudicial de álcool que combinava com situações conflituosas e de violência doméstica. A convivência com pessoas não indígenas facilitava o acesso às bebidas destiladas nas aldeias, somando-se às invasões de seus territórios com as atividades de garimpo, pecuária, extração de madeiras nobres etc., levando inclusive esses indígenas à quase extinção. Nos dias atuais, uma etnografia revelou que apenas uma minoria de oito indígenas (de uma população estimada em quase 400 pessoas em 2010) fazia uso de bebidas alcoólicas e foram frequentemente repreendidos, levando-os a expressarem sentimentos de vergonha, culpa e arrependimento. Essa mudança deu-se a partir do reconhecimento dos danos ocasionados pela bebida, de estratégias de repressão (os indígenas que vinham da cidade eram revistados e as garrafas encontradas eram quebradas), além do movimento de evangelização que foi adotado por cerca de metade dos indígenas⁸.

Documentos apontam que em Iauaretê, zona rural do município brasileiro de São Gabriel da Cachoeira/AM, o consumo de caxiri esteve historicamente associado a eventos festivos, rituais matrimoniais, de iniciação masculina e mediação de conflitos. Conta-se que o estabelecimento de colégios internatos por missionários salesianos (1929 a 1986) resultou em gerações de indígenas que foram separados dos rituais de iniciação e conhecimentos tradicionais e muitos dos atuais anciãos iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas com idade avançada. Com o fim do internato em 1986, jovens passaram a consumir bebidas alcoólicas mais precocemente, para surpresa de seus pais e avós. Já na atualidade, uma etnografia revelou que cerca de 22 etnias indígenas têm apresentado dificuldades no enfrentamento ao uso precoce e frequente de bebidas alcoólicas, bem como diante de situações de violência associadas a esse consumo. Isso ocorre porque jovens de diferentes vilas são frequentemente convidados por amigos da escola a participarem de festas e beberem caxiri, embora pais, mães e lideranças não aprovelem essa prática. No entanto, a não oferta de caxiri costuma ser interpretada como sinônimo de inimizade, sovinice ou preguiça no preparo da bebida, função tradicionalmente feminina. As tentativas em restringirem o acesso a bebidas não foram efetivamente realizadas e a redução das festas resultou em alterações das estruturas culturais, obrigando as lideranças a buscarem outros caminhos para apaziguarem as diferenças e lidarem com hostilidades – condições necessárias à vida comunal².

O uso tradicional de caxiri também fez parte da história de homens, mulheres e crianças Baniwa do Alto Rio Negro, na Amazônia brasileira. Não se pode afirmar, no entanto, que a ingestão abundante e precoce dessa bebida tenha causado problemas de dependência antes mesmo do contato com pessoas não indígenas. Mas foi a partir de relações interétnicas que aumentaram as

oportunidades de consumo de bebidas como a cachaça, intensificadas pela ampliação do calendário festivo, a exemplo das festas dos Santos e feriados nacionais. Por volta de meados do século XX, o uso de álcool praticamente desapareceu devido a conversão ao protestantismo, sob a influência de uma missionária estadunidense. Atualmente, os Baniwa (maioria) controlam o uso de álcool pela regra da sobriedade, através da proibição e de sanções sociais. Embora periférico, alguns usos controlados de bebidas alcoólicas realizadas por dirigentes em reuniões políticas e festas acabam tendo um papel diplomático, promovendo uma convivência harmônica entre os Baniwa evangélicos, indígenas católicos e de outras filiações⁹.

Representações, sentidos e modos de consumo

Um estudo com indígenas Potiguara do estado da Paraíba, Brasil buscou conhecer os significados atribuídos ao uso de bebidas alcoólicas em suas comunidades. A partir de 45 entrevistas constatou-se percepções que privilegiaram a dimensão física, destacando o abuso de álcool como doença e apropriação do saber biomédico. Foram atribuídos motivos ligados ao desejo pessoal, acessibilidade, turismo nas aldeias, influência de amigos, presença de bares nas aldeias, falta de trabalho e ociosidade. Para as consequências do abuso de álcool, os discursos relataram violência, agressão, problemas orgânicos, conflitos interpessoais e familiares. Por fim destacaram a possibilidade de repressão ou proibição do consumo de álcool nas aldeias e a educação preventiva. Os resultados demandam das autoridades competentes medidas que ajudem as comunidades indígenas a reduzirem esses problemas¹⁰.

Outra pesquisa brasileira sobre a percepção do consumo de álcool entre os Potiguara, no estado da Paraíba, envolveu 55 indígenas, sendo 80% da amostra composta por mulheres e maioria com educação de nível fundamental incompleto. Para 41,8%, ao menos um membro da família fazia uso de bebida alcoólica e 27,3% disseram que a bebida trazia problemas. Dentre as consequências, 82,2% citaram adversidades sociais (brigas/agressividade com 49%, além de problemas com trabalho e acidentes automobilísticos), 80% relataram complicações orgânicas (incluindo morte com 42,2%, além de inchaço, doenças no fígado e fraqueza), 35,6% relataram conflitos familiares, 17,8% informaram questões psicológicas, e 5,5% informaram casos de óbito por cirrose hepática. Segundo os autores, a proximidade entre as aldeias e os centros urbanos, a existência de muitas usinas de álcool na região, a presença do turismo acentuado, as baixas condições de vida e saúde e a destruição da cultura indígena são alguns dos fatores explicativos para o uso prejudicial de álcool entre os Potiguara¹¹.

Ainda sobre os Potiguara, as representações sociais de 21 profissionais de saúde evidenciaram desconhecimentos dos serviços ofertados aos usuários que faziam uso prejudicial dessas substâncias, relevando a precariedade das atividades de assistência ofertadas a essa população. Para esses profissionais, o uso de álcool pelos Potiguara estaria ligado a questões socioculturais e econômicas, sendo seu uso vinculado ao lazer e suas

causas decorrentes de ociosidade, incentivo social e processo histórico de colonização¹².

Entre os Tenharim (Kagwahiva) que vivem em quatro aldeias na reserva brasileira de Marmelos, em Humaitá/AM, o consumo de bebidas alcoólicas ocorre tanto nas aldeias quanto na cidade, geralmente de forma coletiva e restrita a pequenos grupos de homens de mesma faixa etária ou posição social. As bebidas alcoólicas são restritas às mulheres e crianças e os Tenharim consideram que o uso de álcool pode ser feito moderadamente em festividades, nos finais de semana, à noite ou em idas à cidade, independente da quantidade ou tipo de bebidas, levando sempre em consideração o comportamento daqueles que fazem uso e obedecendo regras de condutas como falar baixo, andar discretamente e comportar-se comedidamente. Nos períodos diurnos em festividades, os indígenas consomem álcool em locais mais afastados e de maneira discreta, mas à noite, diante de músicas e danças, há certa tolerância com atitudes consideradas mais extravagantes. O uso de bebida alcoólica também aparece como um ritual moderno de passagem à vida adulta, devendo cessar o consumo quando o jovem se casa ou assume responsabilidade pela sua família. O assunto só se torna um problema quando a pessoa bebe sozinho em qualquer momento do dia, apresenta comportamentos agressivos, deixa de realizar as atividades do cotidiano de maneira satisfatória, de prover suas famílias em decorrência de gastos financeiros com a compra dessas bebidas ou se permanece na cidade em estado de embriaguez. Quando essas situações ocorrem, a pessoa é considerada doente e perde o respeito e a posição social perante outros membros¹³.

Um panorama geral do problema vinculado ao consumo excessivo de álcool foi estabelecido a partir do estudo de quatro casos na região de Los Altos de Chiapas, México. Em muitas comunidades indígenas da região há crença de que a inveja e a bruxaria podem manipular a vontade de terceiros e provocar o alcoolismo crônico em detrimento de causas naturais e/ou sociais comumente associadas a essas enfermidades. O uso frequente de álcool também aparece relacionado a compromissos sociais e políticos nas comunidades, além de ser utilizado como refúgio em situações de decepções amorosas e rompimentos matrimoniais. A pesquisa recomenda que os governos deveriam considerar um imposto específico para a indústria do álcool a fim de destinar os recursos a programas de prevenção e tratamento ao consumo da substância¹⁴.

Em comunidades indígenas de maioria Mapuche no sul do Chile, foi feito um estudo sobre as representações do uso problemático de álcool e suas implicações individuais, familiares e comunitárias. Consideraram que processos de transculturação, perda de vitalidade cultural e dinâmicas sociais configuram um cenário complexo que requer a superação da dicotomia entre fatores de risco e proteção ao uso de álcool. O uso problemático da substância aparece relacionado com a redução da capacidade de executar tarefas cotidianas de produção e sustento de si mesmo e de pessoas dependentes. Desconhecimentos da cultura, língua, vivências de discriminação, estigmatização e violência simbólica por conta da origem étnica e/ou situação econômica resultam em dificuldades de apropriação da identidade étnica pelos indígenas. Ainda, as comunidades

crístãs neopentecostais tendem a acelerar a perda cultural, com deslegitimação das autoridades locais e dos controles sociais frente ao consumo de álcool e da vida cotidiana em geral¹⁵.

Sobre o significado do consumo de substâncias psicoativas para estudantes indígenas da Universidade de Antioquia, em Medellín, Colômbia, foi apontado que a ocidentalização das comunidades indígenas gerou rupturas na identidade cultural, fragmentando conceitos tradicionais e deteriorando o conhecimento ancestral. Os estudantes consideraram uma distinção entre o uso tradicional, religioso e/ou medicinal de substâncias psicoativas em contraponto com outras drogas inseridas numa lógica de mercado e consumidas para fins lúdicos em contextos urbanos. A socialização desses estudantes no ambiente urbano e universitário também apareceram como influenciadores no consumo de psicoativos e em padrões de comportamento e estilos de vida¹⁶.

As estratégias de controle em relação ao uso de bebidas alcoólicas foram tema de uma etnografia entre os Kaingang da terra indígena Xapécó em 2009. As bebidas alcoólicas apresentaram papéis positivos em modos de sociabilidade envolvendo indígenas e não indígenas, motivando a participação em partidas de futebol, bailes, plantios coletivos, além de mediarem relações com comerciantes urbanos locais. Aspectos negativos estiveram associados à categoria *bêudo*, que sinaliza condutas indesejadas e vinculam o consumo a episódios de violência, roubo ou outra transgressão. Revelou que controles sociais sobre o uso problemático de álcool partem de lideranças indígenas e de grupos evangélicos que interpretam a embriaguez como um processo de perturbação associada a espíritos malignos. Há situações em que podem ocorrer amarração da pessoa em um tronco até que ela se acalme, como também pode ser solicitado o afastamento da pessoa da aldeia ou sua transferência para outra terra indígena. Numa tentativa de endereçar problemas ligados ao uso de álcool, um programa de intervenção institucional buscou identificar alcoolistas e suas famílias, para organizá-los em grupos com finalidade de modificar comportamentos e estilos de vida. A experiência não obteve resultados satisfatórios pois além de ter tido origem externa à comunidade, desconhecia ou ignorava as perspectivas socioculturais ligadas ao uso dessas substâncias¹⁷.

Estudos em saúde

O êxodo migratório mostrou-se como fator influenciador dos modos de vida comunitários, especialmente na intensificação do consumo de álcool por mulheres Nahua, na bacia do Alto Balsas, México. Mais da metade dessa população indígena deslocou-se para a cidade mexicana de Puerto Vallarta, bem como para Waukegan, nos Estados Unidos, emprestando a capacidade laboral de jovens sem instrução formal para trabalhos precarizados. O processo de alcoolização ritual feminina nessa comunidade reflete as formas de resistência diante da desintegração familiar, social e cultural provocada pela migração sem retorno, bem como dos efeitos da pobreza e marginalização social que envolvem esse povo¹⁸.

Outro estudo sobre a relação entre o uso de álcool e fatores ligados à migração contou com a

participação de 650 indígenas da etnia Maia que vive em Tunkás, estado mexicano de Yucatán. A pesquisa combinou o uso de entrevistas estruturadas, questões do *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT), bem como coleta de dados transversais em comunidades satélites de Tunkás em Anaheim e Inglewood, estado da Califórnia dos Estados Unidos. Os resultados apontaram que a prevalência de indígenas que fazem uso arriscado de álcool é maior entre migrantes (73,2%, contra 51,2%), entre aqueles que já tiveram experiência prévia de migração aos Estados Unidos (44,4% versus 22,2%), entre os homens (93% contra 35%), falantes de língua inglesa (47,9%, contra 24,8%) e aqueles que relataram educação formal nos Estados Unidos (16,2% contra 7,1%). A experiência migratória sugere que a adaptação inicial a um ambiente estrangeiro pode ter efeito estressante que influencia no comportamento de consumo arriscado de bebidas alcoólicas. Ademais, os participantes que falavam suas línguas nativas eram menos propensos ao uso prejudicial de álcool, provavelmente devido ao efeito de proteção provocado pela manutenção de identidades e práticas tradicionais¹⁹.

Em Bogotá, uma pesquisa de caráter transversal mediu a prevalência de problemas ligados ao consumo de álcool de 184 indígenas de ambos os sexos e residentes em áreas de baixa e média renda na zona urbana da capital. A entrevista incluiu questões demográficas, tempo de residência na cidade e identificação de problemas ligados ao uso de álcool segundo o questionário AUDIT. Os resultados apontaram que 84 dos participantes informaram um consumo prejudicial de álcool com prevalência de 61% em homens e 27,4% em mulheres. Nem a idade nem o tempo de escolaridade apareceram associados ao uso prejudicial de álcool na população estudada e os autores comentam que tampouco a literatura apontara para essa relação entre povos indígenas de um modo geral. Contudo, o tempo de residência em Bogotá estava relacionado com o aumento no uso prejudicial, provavelmente por agentes estressores, discriminação, desvantagens econômicas e questões genéticas²⁰.

Um estudo longitudinal com jovens de diversas etnias em Jujuy, na Argentina, considerou que insultos raciais aumentaram a taxa de uso pesado e esporádico de álcool em 1,6 vezes e as apreciações de culturas indígenas não tiveram impactos significantes no consumo dessa substância. A pesquisa ainda identificou que ser um garoto, buscar novas emoções e identificar-se com um modelo desafiador, aumentaram a probabilidade de uso pesado e esporádico de álcool em respectivamente 1,7, 1,9 e 1,6 vezes. Já os altos níveis de apreciação de culturas indígenas reduziram pela metade ou menos as chances de uso de outras drogas como maconha, cocaína ou inalantes, mas a exposição a insultos raciais aumentou a probabilidade de consumo excessivo de álcool. Desse modo, promover a valorização de culturas e reduzir os insultos raciais são objetivos a serem incorporados em programas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas entre jovens indígenas²¹.

Na Colômbia, dados de 902 indígenas foram analisados a partir da Enquete Nacional de Saúde Mental realizada em 2015. O consumo excessivo de álcool foi reportado por 8% dos entrevistados, 7,9% relataram consumo de risco e a prevalência para transtornos

mentais ansiosos e depressivos chegaram a 6,7% nas mulheres e em 8,4% nos homens. Ser jovem, não falar a língua de seu povo, viver em áreas urbanas e consumir substâncias psicoativas como álcool e tabaco revelaram-se fatores de risco associados a alguma possível psicopatologia²².

No México, um dos principais problemas vividos por povos indígenas passa pelo alto consumo de bebidas alcoólicas. Se por um lado, a população mexicana conta com uma riqueza de informações epidemiológicas envolvendo a ingestão de álcool, por outro, constata-se poucos estudos referentes ao uso / abuso de álcool em populações indígenas. As campanhas de saúde frequentemente gastam mais com publicidade do que com atenção ao problema e ignoram importantes variações do padrão de consumo por povos indígenas que produzem cerca de 172 tipos de bebidas fermentadas, das quais 87% são alcoólicas. Sendo um grave problema de saúde pública, a questão se agrava nas regiões rurais, onde serviços de saúde e outras redes de apoio são mais precarizadas⁵.

Em um estudo antropológico envolvendo os Nahua da comunidade mexicana San Sebastián Petatlán, o alcoolismo foi analisado como um sintoma, isto é, a tradução de outros males sociais, tais como: baixo índice de produção, baixa renda familiar, elevado índice de emigração, deslocamento social e familiar, desorganização social, além de aspectos culturais que reforçam o consumo dessas bebidas (iniciação precoce do uso, presença em festividades, eventos religiosos, sociais, laborais etc.). Somados ao contexto histórico de exploração e isolamento da comunidade, a expansão de estabelecimentos que comercializam e produzem bebidas alcoólicas na região (grande parte clandestina e sem as devidas licenças sanitárias) alimentam o consumo desses produtos que frequentemente provocam problemas individuais, familiares e coletivos. Diante desse cenário, pouco tem sido feito nesta e em outras comunidades indígenas do México para prevenir o uso prejudicial de bebidas alcoólicas²³.

Em uma comunidade indígena mexicana de El Mezquital, um estudo etnográfico identificou o papel do álcool na vida cotidiana e avaliou os efeitos da intervenção breve sobre a sintomatologia física e psíquica de mulheres que convivem e não sabem lidar com um familiar (pai ou esposo) que faz uso prejudicial de bebidas alcoólicas. O consumo de pulque aparece profundamente arraigado nos costumes da comunidade, proporciona identidade e solidariedade grupal sobretudo entre os homens, bem como está ligado ao trabalho na agricultura e na construção. Já a pobreza apareceu como fator limitante no acesso a serviços de saúde, por suas condições geográficas e escassos serviços de transporte. Nesse contexto, uma intervenção breve de cinco passos foi proposta a essas mulheres a fim de ajudá-las no enfrentamento dessas situações e fortalecer suas redes de apoio. Participaram dois grupos de mulheres, sendo um com aquelas que aceitaram participar da intervenção (n = 43), das quais concluíram 30, e outro grupo com mulheres que não aceitaram participar da intervenção (n = 30), mas que concordaram em responder aos instrumentos de avaliação no momento da pesquisa e após três meses. A intervenção consistiu em: 1) escutar a problemática do familiar, 2) fornecer informação relevante, 3) analisar as

formas de enfrentamento utilizadas, 4) buscar fontes de apoio, e 5) encaminhar, se necessário, para serviço de atenção especializado. Foram aplicados três questionários adaptados e validados: a Escala de Sintomas (SRT), Questionário de Enfrentamentos (CQ) e Escala de Depressão (CES-D). Os resultados indicaram que, três meses depois, o grupo que recebeu a intervenção reduziu significativamente os sintomas físicos, psicológicos e depressivos, o que não foi observado no grupo sem intervenção²⁴.

Entre os Mura na Amazônia brasileira, o consumo de álcool e a relação com hipertensão, sua prevalência e fatores associados, foi objetivo de um estudo transversal conduzido com 455 indígenas maiores de idade. Foram realizadas entrevistas, aplicados testes AUDIT, aferição de pressão arterial e exame físico. O uso de bebidas alcoólicas apresentou taxa de 40,2%, com ausência de diferença significativa de hipertensão entre pessoas com risco (23%) e pessoas sem risco de abuso de álcool (29%). A prevalência de abuso de álcool e hipertensão nesse estudo foi alto, sugerindo que mudanças no estilo de vida decorrentes da urbanização aumentaram a prevalência de ambos os problemas²⁵.

Por fim, a partir da revisão sistemática de instrumentos nacionais e internacionais, uma pesquisa procurou desenvolver uma entrevista de avaliação para entender a frequência e os prejuízos de álcool em comunidades indígenas, além de realizar um estudo piloto. A Elaboração da Entrevista de Avaliação do Uso e Prejuízos de Bebidas Alcoólicas em Indígenas (AUAIN) foi construído com 35 perguntas que partem de uma perspectiva histórica e social para chegar ao uso individual de álcool. Os autores esperam que novos estudos possam ampliar a compreensão do instrumento criado e assim fundamentar intervenções em saúde com base em evidências empíricas²⁶. Pode-se dizer que a ferramenta criada possui elementos que podem contribuir em estudos sobre o tema, uma vez que foi pautada em cinco instrumentos já conhecidos na literatura – como o AUDIT, CAGE e CAGE-T. Aproxima-se, portanto, de um modelo biomédico que privilegia a frequência, quantidade e aspectos ligados ao uso prejudicial. Por outro lado, ao apresentar uma perspectiva parcial, além de responsabilizar os efeitos da substância pelo que ocorre com as pessoas e comunidades, tende a não considerar os mecanismos sociais informais de controle sobre seu consumo.

Considerações finais

O consumo de bebidas alcoólicas por alguns

povos indígenas da América é anterior à chegada dos colonizadores. Para outros povos, os contatos interétnicos influenciaram diretamente nesse consumo, seja a partir da introdução de bebidas alcoólicas destiladas, como a cachaça, ou alterando modos de organização social, identidades e práticas rituais coletivas de consumo de bebidas tidas como tradicionais. Durante esse processo histórico destacaram-se as missões religiosas de base cristã, a proximidade cada vez maior com os centros urbanos e o interesse de grupos extrativistas, madeireiros, mineradores e pecuaristas pelos territórios tradicionalmente ocupados por povos indígenas.

Há uma diversidade de procedimentos metodológicos empregados nas investigações sobre o tema, combinando pesquisas qualitativas e quantitativas, abordagens históricas, epidemiológicas, etnográficas, estudos de caso, pesquisas experimentais, entre outras. É interessante observar que até mesmo nos trabalhos que focaram a prevalência do consumo de álcool, aproximações qualitativas eram combinadas para dar conta de modelos explicativos, como os fatores de risco e/ou de proteção associados a esse consumo. Por outro lado, há uma carência de pesquisas epidemiológicas que permitam em linhas gerais dimensionar as demandas do uso prejudicial de álcool por povos indígenas e orientar a execução dos serviços de saúde.

Conclusões

Em síntese, os processos de alcoolização entre povos indígenas apareceram relacionados com a perda de referenciais identitários tradicionais, mudanças nos modos de vida provocados pela urbanização, precarização das condições de vida e saúde, êxodo migratório, marginalização social e percepção de discriminação racial. O uso precoce de álcool também foi apontado como fator de risco associado a um consumo problemático futuro. No que diz respeito aos serviços de saúde, a qualificação profissional deve ser continuada a fim de reduzir a precarização dos atendimentos. Por fim, espera-se que futuras pesquisas epidemiológicas, etnográficas, estudos de práticas baseadas em evidências, entre outros, possam contribuir lançando luz sobre questões envolvendo a temática.

Os autores informam não haver conflitos de interesse.

Referências

1. World Health Organization. Global status report on alcohol and health 2018. Geneva: World Health Organization. 2018. Available from: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/274603/9789241565639-eng.pdf?ua=1&ua=1>
2. Souza MLP, Deslandes SF, Garnelo L. Modos de vida e modos de beber de jovens indígenas em um contexto de transformações. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2010;15(3):709-716. doi: [10.1590/S1413-81232010000300013](https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000300013)

3. Menendez EL. El proceso de alcoholización: revisión crítica de la producción socioantropológica, histórica y biomédica en América Latina. *Revista Centroamericana de Ciencias de la Salud*. 1982;22:61-94.
4. Carlos ACS. La higuera, el alcohol y el diablo em los relatos campesinos de la zona centro sur de Chile. *Estudio Avanzados [Internet]*. 2011;16:139-159. Available from: <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/ideas/article/viewFile/395/386>

5. Berruecos LV. El consumo de alcohol y el alcoholismo en México: el caso de las comunidades indígenas. *El Cotidiano*. 2013;181: 73-80. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/325/32528954010.pdf>
6. Paz CD. La borrachera y sus pre-textos. El beber indígena en la literatura jesuítica sobre Chaco del siglo XVIII. *Rev Bras História Ciênc Sociais* [Internet]. 2017;9(17): 50-72. doi: 10.14295/rbhcs.v9i17.429
7. Michel DC, Virreira GC. El alcohol y la hoja de coca ¿vicios indígenas?: La prensa estigmatizando a las revueltas indígenas. *Punto Cero* [Internet]. 2010 [cited 2020 Jan 18];15(20):35-42. Available from: http://www.scielo.org/bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1815-02762010000100005&lang=pt
8. Vianna JJB, Cedaro JJ, Ott AMT. Aspectos psicológicos na utilização de bebidas alcoólicas entre os Karitiana. *Psicol Soc* [Internet]. 2012;24(1):94-103. doi: 10.1590/S0102-71822012000100011
9. Capredon E. Politiques baniwa de la boisson: usages et représentations de l'alcool chez des indiens évangéliques de l'Amazonie brésilienne. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Internet]. 2016 [cited 2020 Jan 18]. doi: 10.4000/nuevomundo.69033
10. Melo JRF, Maciel SC, Sousa PF, Silva GLS, Medeiros KT, Oliveira RCC. Discursos e representações sobre o uso / abuso do álcool: um estudo da comunidade indígena. *Saúde em Debate*;2013;37:185-193. Available from: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406341755020>
11. Melo JRF, Maciel SC, Oliveira RCC, Silva, AO. Implicações do uso do álcool na comunidade indígena Potiguara. *Physis* [Internet]. 2011;21(1):319-33. Doi: 10.1590/S0103-73312011000100019
12. Maciel SC, Oliveira RCC, Melo JRF. Alcoholism in indigenous Potiguara: social representations for health professionals. *Psicol Cienc Prof* [Internet]. 2012;32(1):98-111. doi: 10.1590/S1414-98932012000100008
13. Pereira PPS, Ott AMT. O processo de alcoolização entre os Tenharim das aldeias do rio Marmelos, AM, Brasil. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2012;16(43):957-66. doi: 10.1590/S1414-32832012005000055
14. Gómez LR. Ingesta de alcohol entre indígenas de Chiapas: Estudio de cuatro casos. *LiminaR*. 2009;7(1):172-185. Available from: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S166-5-80272009000100010&lng=en&nrm=iso
15. Pérez GOG, Constanzo AXZ. Significados en torno al desarrollo del consumo problemático y la dependencia alcohólica en comunidades mapuches rurales de la región de Araucanía, Chile, 2016-2017. *Salud Colectiva*. 2019;15. Available from: <https://www.scielosp.org/pdf/scol/2019.v15/e1932/es>
16. Mendoza A, Romero JFR, Mendoza GAG, Posada IC. Significados del consumo de sustancias psicoactivas en indígenas estudiantes de una universidad de Medellín, Colombia. *Univ Psychol*. 2015;14(3):975-84. doi: 10.11144/Javeriana.upsy14-3.mpsc
17. Junior AG, Langdon EJ. Reflexões sobre estratégias de intervenção a partir do processo de alcoolização e das práticas de autoatenção entre os índios Kaingang, Santa Catarina, Brasil. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2014;30(6):1250-58. doi: 10.1590/0102-311X00108613
18. Chévez LG. La fruta amarga de la alcoholización femenina y la migración internacional. Estudio de caso en una comunidad indígena del norte de Guerrero, México. *Gazeta de Antropología* [Internet]. 2011 [cited 2020 Jan 18];27(2):1-20. Available from: <http://www.gazeta-antropologia.es/?p=1422>
19. Pinedo M, Campos Y, Leal D, Fregoso J, Goldenberg SM, Zúñiga ML. Alcohol use behaviors among indigenous migrants: a transnational study on communities of origin and destination. *J Immigr Minor Health*. 2014;16(3):348-55. doi: 10.1007/s10903-013-9964-8
20. Arévalo, NM, Beltrán SD, Chavarro YL, Medina AL, Herazo E, Campo-Arias A. Prevalence of alcohol problem drinking among the indigenous population in Colombia. *Rev Colomb Psiquiatr*. 2013;42(4):320-323. Available from: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74502013000400004&lng=en&nrm=iso&tlng=en
21. Alderete E, Gregorich SE, Monteban M, Kaplan CP, Mejia R, Livaudais-Toman J, Pérez-Stable E. Effect of appreciation for indigenous cultures and exposure to racial insults on alcohol and drug use initiation among multiethnic Argentinean youth. *Prev Med*. 2016;85:60-8. doi: 10.1016/j.ypmed.2015.12.017
22. Gómez-Restrepo C, Rincón CJ, Urrego-Mendoza Z. Salud mental, sufrimiento emocional, problemas y trastornos mentales de indígenas colombianos. Datos de la Encuesta Nacional de Salud Mental 2015. *Rev Colomb Psiquiatr*. 2016;45(Suppl 1):119-26. doi: 10.1016/j.rcp.2016.09.005
23. Berruecos L. El abuso en el consumo de alcohol en la comunidad indígena de San Sebastián, Puebla. *El Cotidiano*. 2017;201:97-106. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/325/32549629011.pdf>
24. Rey GN, Aguillar PSM, Pérez FC, Juárez F, Tiburcio M. Efectos de una intervención a familiares de consumidores de alcohol en una región indígena en México. *Salud Ment*. 2011;34(3):195-201. Available from: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S018-5-33252011000300002
25. Ferreira AA, Souza-Filho ZA, Gonçalves MJF, Santos J, Pierin AM. Relationship between alcohol drinking and arterial hypertension in indigenous people of the Mura ethnics, Brazil. *Plos One*. 2017;12(8):e0182352. doi: 10.1371/journal.pone.0182352
26. Souza RSB, Oliveira JC. Construção de um instrumento para avaliar o uso de bebidas alcoólicas em uma etnia indígena de Minas Gerais. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2019; 39. doi:10.1590/1982-3703003176628

Contribuições dos autores:

Concepção e desenho do estudo: MD, JFL
 Análise e interpretação dos dados: não se aplica
 Coleta de dados: não se aplica
 Redação do manuscrito: IFB
 Revisão crítica do texto: IFB
 Aprovação final do manuscrito: IFB
 Análise estatística: não se aplica
 Responsabilidade geral pelo estudo: IFB

Informações sobre financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.